
A bissexualidade em telenovelas: Amor à Vida e Em Família¹

Fernanda Santos ROSSI²

Pablo Moreno Fernandes VIANA³

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

Este trabalho discute a representação da bissexualidade das personagens Eron e Clara nas telenovelas Amor à Vida e Em Família, respectivamente. O objetivo é aprofundar o conhecimento sobre telenovelas em suas relações com a televisão e a Comunicação, refletindo como ela constrói a representação de personagens LGBT, em específico bissexuais, refletindo sobre a complexidade do papel do meio de comunicação no contexto brasileiro. Como referencial teórico apresentam-se em destaque discussões acerca de gênero e sexualidade, sobre bissexualidade e sobre a telenovela. Como resultado, a pesquisa sinaliza para duas representações conflitantes: a bissexualidade apagada e paradoxalmente vilanizada de Eron e a de Clara, não monogâmica e representada com alguma visibilidade.

PALAVRAS-CHAVE: bissexualidade; telenovela; gênero; sexualidade; representação.

INTRODUÇÃO

Este trabalho integra pesquisa em desenvolvimento como Trabalho de Conclusão de Curso que investiga a representação da Bissexualidade nas Telenovelas Amor à Vida (2013) e Em Família (2014). O objetivo do trabalho é aprofundar o estudo sobre a comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Trans), refletindo como as mídias podem direcionar essas discussões, por meio das representações em produtos de comunicação, como a telenovela.

Como motivação, justifica-se primeiro a relevância da pesquisa a partir de um interesse pela televisão aberta. As telenovelas, especificamente, são produtos audiovisuais de referência para os brasileiros, fomentando discussões desde seu

¹ Trabalho apresentado na IJ04 - Comunicação Audiovisual do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Graduanda do curso de Cinema e Audiovisual da PUC Minas, e-mail: oinandarossi@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Comunicação Social da PUC Minas, e-mail: pablomoreno@gmail.com

surgimento. Em seguida e também pelo interesse na comunidade LGBT, sobretudo no dito recorte da bissexualidade — uma orientação invisibilizada na sociedade, mas também e por consequência, como objeto de pesquisas e em produtos audiovisuais que tratem da comunidade LGBT, incluindo as telenovelas brasileiras.

Como apresenta (SILVA, 2015), em 62 telenovelas, de 1970 até 2013, encontram-se “126 personagens: 76 são gays; 24 são lésbicas; 13 homens bissexuais; três mulheres bissexuais; oito mulheres transexuais; uma travesti e uma personagem com identidade de gênero e orientação sexual não definida”. Ainda que existente, a representação é pouca, e a bissexualidade ainda permanece pouca ou incerta em meio a ela.

Acerca da metodologia empreendida, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, conhecendo a abrangência de referenciais teóricos sobre os temas, e situando-os historicamente e teoricamente, ciente do estado da arte. Por meio de pesquisa documental levantou-se a história de cada personagem bissexual dentro da trama das novelas “Amor à Vida” e “Em Família” da Rede Globo. Além disso, por meio do consumo dos capítulos das telenovelas, de acesso viabilizado pelo aplicativo Globo Play, investigou-se as formas de construção da bissexualidade das personagens.

Dando início à discussão, aborda-se conceitos específicos acerca de gênero e sexualidade, na intenção de preparar o terreno para a discussão acerca da bissexualidade e de suas questões específicas. Para alcançar o entendimento da bissexualidade como orientação sexual, é preciso compreender o que é gênero e o que é sexualidade, que, embora estejam sempre em associação, possuem significados distintos.

GÊNERO E SEXUALIDADE: ABORDAGEM ESPECÍFICA DO UNIVERSO BISEXUAL

Gênero não é sexo, órgão genital, apenas elemento físico do corpo: É identidade. Cisgênero é “conceito “guarda-chuva” que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento” (JESUS, 2012, p. 15), diferente das pessoas transgênero, que negam a identidade imposta ao nascer. Identidade de gênero é, então o “gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento.

Diferente da sexualidade da pessoa.” (JESUS, 2012, p. 15). A divisão social, cultural e binária entre homens e mulheres, baseada em traços biológicos, é opressora às mulheres e pessoas que não se enquadram nas expectativas de gênero e performance, como a população LGBT, destacando as pessoas trans não binárias e também a população intersexo. “Todos corpos e gêneros têm uma história, e a binariedade como uma normatividade sociocultural eurocêntrica define e restringe os destinos de muitos deles mundo afora.” (VERGUEIRO, 2012, p. 66). Em consequência e em relação direta com as dinâmicas de gênero, estão as dinâmicas de sexualidade. A lógica cisnormativa, como ferramenta que se utiliza da cisgeneridade como verdade natural, se une à lógica da heteronormatividade ou heterocentrismo, definida como:

Toda forma de perceber e categorizar o universo das orientações sexuais a partir de uma ótica centrada em uma heterossexualidade estereotipada considerada dominante e normal não apenas como estatística, mas principalmente no sentido moralizante do termo. (JESUS, 2013a, p. 366).

Práticas e desejos bissexuais surgem em vários momentos — até mesmo distantes no tempo e presentes em várias culturas — da história da humanidade, visto que atração para além de um gênero não é algo inventado e nem recente. O que, contudo, pode se dizer recente, é o conceito de identidade bissexual e também a história de um movimento exclusivamente bissexual, que, no Brasil, se faz presente dos anos 2000 em diante e se desenvolve principalmente por meio da organização de uma sociedade em rede.

Ao longo da história, houve tentativas de estudar orientações sexuais e identidades de gênero diversas. Elencam-se a seguir alguns estudos. A etimologia da palavra bissexual, antes da problematização do binário que simboliza na palavra, passa por “uma combinação de anatomia masculina e feminina, a uma suposta combinação psíquica de masculinidade e feminilidade, e a uma suposta combinação de heterossexualidade e homossexualidade”. (LEWIS, 2012, p. 26).

Os estudos sobre o tema se transformaram junto à mudança de significação da palavra e das práticas. Nos anos quarenta do século XX, o biólogo Alfred Kinsey criou a Escala Kinsey, para avaliar a orientação sexual e sua fluidez. Kinsey se interessa pelas

práticas sexuais não normativas, porém é criticado por não ver a bissexualidade como uma orientação abrangente, como substituta dos itens do meio da escala, insistindo que se "comportamentos" heterossexuais e homossexuais existem em predominância, a pessoa não é bissexual — criando a falaciosa ideia de que bissexualidade é a exata atração metade homossexual, metade heterossexual. A escala se dá em dois pontos: o exclusivamente heterossexual (0) e o exclusivamente homossexual (6). A fluidez entre eles é chamada de predominantemente heterossexual, apenas eventualmente homossexual (1), predominantemente heterossexual, embora homossexual com frequência (2), bissexual (3), predominantemente homossexual, embora heterossexual com frequência (4), e predominantemente homossexual, apenas eventualmente homossexual (5).

A colocação das práticas é feita de maneira que invisibilizam tanto a bissexualidade quanto a assexualidade, por outra crítica, visto que a escala apresenta a assexualidade como “X”, criando uma separação (das outras, que são números e vistas como um grupo), o que cria estranhamento em relação à orientação assexual. Após Kinsey, uma nova proposta de escala surgiu com Fritz Klein, psiquiatra austríaco-estadunidense que propôs a Grade de Orientação Sexual de Klein (1978). A partir de Kinsey, Klein propõe uma grade com sete componentes da orientação sexual, considerando um maior número de elementos na sexualidade humana como preferência emocional, e autoidentificação. Klein é fundador do *Bisexual Forum* em 1982 na cidade de San Diego, do Instituto Americano de Bissexualidade em 1998, e também do *The Journal of Bisexuality*.

Marjorie B. Garber, professora da Universidade de Harvard e pensadora da bissexualidade, propõe um modelo tridimensional no qual as categorias homossexualidade e heterossexualidade coexistem em alguns momentos, tratando a sexualidade como fluida. Garber, contudo, alega que a bissexualidade origina a hetero e a homossexualidade, reposicionando o vetor que se considerava antes, mas mesmo assim colocando a bissexualidade em função da mesma dicotomia de orientações da qual se pretendia sair.

Deve-se falar também da teoria *queer*, que nega essa dicotomia e binarismo. Com isso, abre espaço pra uma compreensão da bissexualidade como atração não necessariamente ligada ao sexo da pessoa parceira e nem mesmo ao binarismo de gênero. Todavia, ao buscar e defender uma fluidez sexual e de gênero, acaba por ignorar a bissexualidade como um dos elementos que já traduzem toda essa negação do determinismo binário. Apresentam-se também as Epistemologias Bissexuais dos anos noventa, “que buscam usar a bissexualidade como ponto de partida para tais desestabilizações (dos binários de gênero, sexo e sexualidade)”. (LEWIS, 2012, p. 49). Aqui, já pode-se ver a bissexualidade como índice de uma ideia de desconstrução do binarismo de gênero e sexualidade, e também da heteronormatividade, visto que é subversiva, é potencial de fluidez e por isso pode significar mais do que se pensa em um primeiro momento.

Para que a bissexualidade não seja acusada e até culpada pelo reforço de um binarismo do qual ela mesma é vítima, o movimento bissexual ressignifica o termo bissexualidade. A linguagem está sujeita a apropriações e transformações, é fluida e viva. Portanto, para: i) uma maior compreensão da sexualidade bissexual como elemento que não pertence à dualidade hetero e homossexual; ii) incluir pessoas intersexo e não-binárias; iii) incluir todas as formas de atração para além de um gênero; iv) ir além da etimologia e afastar de vez a associação da bissexualidade com “dois”, a bissexualidade passa, então, a ser definida pela comunidade como “atração para além de um gênero”. Como afirma em seu site homônimo (2012), a autora transfeminista e bissexual Julia Serano, a bissexualidade é acusada de algo que não lhe é exclusivo: “eles discriminam os bissexuais por serem atraídos por “dois” sexos, mas não a maioria esmagadora de gays e lésbicas que se vêem atraídos pelo “mesmo” sexo, mas não pelo sexo “oposto” — uma noção que parece ser tão binária quanto”.

Para maior compreensão da bissexualidade e de sua opressão específica — a bifobia — lembra-se do conceito de monossexualidade, como todas as orientações que se atraem por somente um gênero, e se reforça a noção de que a monossexualidade como conceito institucionalizado é o fio criador e condutor do apagamento e opressões que a bissexualidade enfrenta. A bifobia é o conjunto de opressões que recaem

especificamente na população bissexual por existência da monossexualidade como única possibilidade, e por isso se faz necessária a defesa do utilizo desse termo, como explica (LEWIS, 2012):

[...] as pessoas identificando-se como bissexuais tendem a experimentar problemas duplos de discriminação, preconceitos, hostilidade e estigmatização da parte de pessoas que se identificam como heterossexuais e da parte de pessoas que se identificam como homossexuais – um fenômeno chamado de “bifobia”. (LEWIS, 2012, p. 70).

Partindo desta ideia, Yoshino (2000, p. 8) explica e defende o apagamento bissexual como um contrato feito e mantido por heterossexuais e homossexuais, unidos só e somente neste momento para apagar a bissexualidade. Yoshino afirma que as estratégias utilizadas para essa ação conjunta são: “o apagamento de classe, o apagamento individual e a deslegitimação”.

Por fim, afirma-se aqui a preferência pela perspectiva interseccional ao se refletir sobre as questões que permeiam a bissexualidade. É preciso entender que o sujeito nem sempre sofre somente uma opressão, ele pode carregar consigo múltiplas e simultâneas identidades, que agem em conjunto na vida da pessoa. Portanto, pede-se aqui a lembrança e consideração da diversidade entre pessoas bissexuais, não se esquecendo, por exemplo, das diferenças de vivências entre uma pessoa bissexual negra e uma pessoa bissexual branca.

Diante do exposto, avança-se para uma discussão da telenovela como produto televisivo e comunicacional para compreender em qual contexto a bissexualidade das personagens das telenovelas escolhidas se enquadra.

TELENOVELA BRASILEIRA E REPRESENTAÇÕES DE LGBTs

Primeiramente, o conceito de representação utilizado parte das questões que tocam a forma e o conteúdo escolhidos para conceber as personagens como tal: essas questões “referem-se tanto à construção das personagens como a aspectos plásticos do filme” (SENA; SERELLE, 2018, p. 10). No contexto da telenovela, a trama, o texto, a atuação, o figurino, os ângulos nos quais colocam-se as personagens, a linguagem

audiovisual e textual, são todos elementos de uma construção de representação. Na reflexão de Silva (2015), a linguagem é parte da construção dessa representação:

[...] a linguagem é um meio de representação ligada à cultura, ou seja, percebida como um conjunto de práticas que produzem e intercambiam significados entre os membros de uma sociedade ou grupo. (SILVA, 2015, p. 19 e 20).

Universo que povoa representações, a televisão, como contexto no qual a telenovela se insere, traz consigo a necessidade de ser vista com olhos cuidadosos: elemento de destaque na cultura midiática, ela ainda se faz influente na contemporaneidade, indo além do que muitas previsões supuseram. Parte constituinte da indústria cultural, ela é tecnologia, fluxo, entretenimento, informação, formadora de opinião — e identidade —, mediadora, ponto de partida de discussões e movimentações e, não menos importante, companhia de muitos.

No Brasil, aliada ao seu produto-programa mais clássico, a telenovela, ela tem todas essas suas características potencializadas. Para o bem ou para o mal, a televisão clama por olhares multidisciplinares: ignorá-la é estratégia falha. A telenovela brasileira é, em primeiras opiniões, repulsiva ou interessante. É híbrida, polissêmica, complexa: todo outro que não o simples. Mercadológica em suas entranhas, motores e fins, mas também comunicação e cultura popular. Com uma história de mais de 50 anos, a telenovela apresenta-se aqui com suas funções e potenciais comunicativos.

As primeiras telenovelas são chamadas de tradicionais pelo maniqueísmo que carregavam: “dividindo os personagens entre bons e maus, sem possibilidade de mudança” (BACCEGA, 2012, p. 31) e pela estereotipagem correspondente ao pensamento social da época: “o homem é o que pensa e decide e a mulher é um ser emocional dele dependente; existem profissões só masculinas e só femininas”. (BACCEGA, 2012, p. 31). As famílias representadas eram nucleares e também tradicionais. Em seguida, surgem as telenovelas socioculturais, considerando a complexidade da sociedade brasileira, com representações menos tradicionais e estereotipadas, dando a chance às personagens de mudar seus destinos, de transitar entre bem e mal e também — e, por que não — de deixar o mal vencer como em Vale Tudo,

de 1988. Ponto importante dessa transição é a criação de várias subtramas, “gerando a possibilidade de discussão múltipla de uma ampla variedade de temas”. (BACCEGA, 2012, p. 31).

Como um primeiro entendimento da complexidade do produto cultural o qual a telenovela se formou, pode-se partir das classificações de (TÁVOLA, 1996) em quatro padrões coexistentes, nos quais a telenovela se encaixa. O primeiro é o padrão mercadológico, aquele que se consolida ao longo do tempo como função, meio e fim da produção teleficcional brasileira. A telenovela existe como produto cultural. Sem desdém ao padrão mercadológico, o autor afirma que o potencial e abrangência da telenovela se constroem e dependem do mercado que, por consequência e natureza, a aprisiona em grades bem pouco maleáveis. Artístico, então, é o padrão seguinte. Como denominação mais clara, “padrão de produção” ou “padrão de qualidade” têm bom caimento. Não se trata do valor da arte, nem da arte por si só, mas da busca e da manutenção de um nível de produção reconhecido e bem sucedido. O padrão artístico não elimina a possibilidade de valor artístico por diálogo e subordinação ao padrão de mercado: “Pode não ter o padrão exigido pelas elites intelectuais nem alcançar valor artístico, mas possui a capacidade de operar sobre a sensibilidade dos segmentos mercadológicos que quer conquistar”. (TÁVOLA, 1996, p. 10). Por considerar a definitiva influência da tecnologia nos meios de comunicação, sobretudo no rádio e na televisão, o autor apresenta o padrão produtivo-tecnológico. Aqui, a tecnologia é agente não somente instrumental, como ferramenta utilizada, mas é também e cada vez mais uma língua própria, que define rumos e marca gerações. O padrão produtivo-tecnológico o transforma diretamente. Por fim, o último padrão apresentado é o “ético-cultural”. A televisão está alinhada aos padrões éticos e culturais da cultura na qual está inserida, e por tal motivo raramente ousa transgredi-los. A relação da televisão com as questões éticas e sociais de cada tempo é de absorver e propagar determinadas visões de vanguarda com um cuidado intencional, para que não se descole completamente ou subitamente do código ético e social vigente:

A tevê incorpora tendências emergentes em estado de aceitação ou já aceitas, operando com o código conservador. Mas como precisa avançar na relação com o mercado, conduz o código conservador ao limite do permitido. E o

máximo que se concede é a transgressão, imediatamente calada para que o código volte e imperar. [...] As pequenas transgressões, porém, acabam por romper a proteção conservadora. (TÁVOLA, 1996, p. 13).

No Brasil, nas telenovelas, enfim, privilegia-se o padrão mercadológico e o produtivo-tecnológico. Em busca de representações justas e corretas de minorias sociais e políticas, como bissexuais, a utopia que se faz ideal aqui é a priorização dos padrões ético-cultural e artístico, mas com coragem de dizer um pouco além do que a parcela mais conservadora da sociedade espera e consegue digerir.

Mesmo com demasiadas barreiras à representação, as temáticas do universo LGBT conseguiram conquistar mais espaço entre as grandes produções televisivas. Percebe-se porém um padrão de representação, uma vez que em sua maioria foram retratados homens e brancos, com características extravagantes e trejeitos de fala já estereotipados. Embora com menos aparições que homens homossexuais, no século XXI também foi percebido o aumento de mulheres nas tramas.

A bissexualidade é a menos representada, com apenas quatro tramas com explícita abordagem do tema. A partir dos anos 90 percebe-se uma pluralidade maior, mas é apenas em 2000, entretanto, que percebe-se o *boom* de narrativas LGBT em geral, com 22 telenovelas tratando do tema. De 2003 em diante, no horário nobre, ao menos uma personagem LGBT já faz parte de tramas. Importante salientar que o apagamento bissexual, estruturalmente aplicado, pode ter feito com que algumas ou muitas personagens bissexuais tenham sido transformadas ao longo da trama ou catalogadas como homossexuais, ou até mesmo nem terem sido catalogadas como bissexuais por não se definirem pela palavra bissexual, o que é recorrente. A palavra é temida como sinônimo de estereótipos, fazendo com que muitas vezes seja substituído por “sem rótulos” ou similares.

ANÁLISE

Na análise feita a partir das duas telenovelas, tomou-se como referencial de amostragem os 221 capítulos de Amor à Vida (2013) e os 143 capítulos de Em Família (2014), com mapeamento e análise apenas das cenas das tramas das personagens escolhidas, respectivamente Eron e Clara. Observou-se os capítulos individualmente e

ao mesmo tempo em que se fez o mapeamento das cenas de interesse.

As cenas foram mapeadas em seu tempo de tela, registrado em uma tabela na qual também contêm descritas as ações das personagens e comentários no mesmo bloco. Baseando-se no referencial teórico, pretendeu-se compreender se as personagens se enquadram em uma representação negativa ou positiva da bissexualidade, a partir dos conceitos expostos como orientação sexual, bissexualidade, bifobia e considerando as possíveis estereotipizações categorizadas em: promiscuidade, infidelidade, falta de caráter, indecisão e vilania.

Amor à Vida, escrita por Walcyr Carrasco e exibida entre 20 de março de 2013 a 31 de janeiro de 2014 no horário das 21h, teve direção de André Filipe Binder, Allan Fiterman, Marco Rodrigo, Marcelo Travesso e André Barros, com direção-geral de Mauro Mendonça Filho e direção de núcleo por Wolf Maya.

A telenovela possui como tema central, segundo Memória Globo, “os segredos que movem as relações familiares”. A família Khoury se apresenta como uma rica e tradicional família, com Antonio Fagundes representando o médico César, Susana Vieira como Pilar, e Mateus Solano e Paolla Oliveira como seus filhos Félix e Paloma.

A personagem aqui analisada é Eron Lima Torgano, interpretado por Marcello Antony. Eron possui uma relação estável com a personagem de Thiago Fragoso, Niko, dono de um restaurante japonês, e logo no início da trama se torna advogado do Hospital San Magno, da família Khoury. Ambos bem-sucedidos, moram juntos e pretendem formar família por meio de uma inseminação artificial em uma “barriga solidária”.

Danielle Winits interpreta Amarilys, uma antiga amiga de Niko que trabalha no San Magno como dermatologista. Ao longo dos capítulos, Amarilys se torna amiga também de Eron e se oferece para gerar o filho deles, com os espermatozóides de cada um misturados e o óvulo de uma doadora anônima. Amarilys, porém, acaba desejando ser a doadora dos óvulos sem que eles saibam e acaba, também, se envolvendo com Eron em segredo.

Eron é representado como homossexual independente de sua atração e envolvimento consensuais em relação à mulher. Atração e envolvimento tais que são

vistos com repúdio por estarem em um contexto de traição, que, pelo extenso preconceito contra bissexuais, acaba sendo considerada sinônima ou intrínseca à bissexualidade. No desenrolar dos capítulos, é evidente na atuação, texto e trama o destino das personagens: o amor entre os dois homens é presente, contudo, Eron é bastante duro, sério, e eventualmente grosseiro com Niko e com as outras pessoas. Amarilys deixa escapar vontades diante da câmera — reage positivamente às possibilidades, que ficam no ar, de ser a “barriga solidária”. É clara a intenção do autor em criar um triângulo amoroso baseado na problemática da “barriga de aluguel” que quer também ser a mãe da criança. Ao final, Eron, separado de Niko, encontra um novo parceiro e Niko, por sua vez, se une a Félix (Mateus Solano), formando um dos casais mais famosos da teledramaturgia brasileira, que, por ter conquistado a simpatia do público, fez Felix — outrora vilão — se redimir. O casal tornou-se a inesperada trama principal da telenovela, sendo destaque em seu último capítulo com um aguardado e aclamado beijo.

Em Família, por sua vez, tem a autoria de Manoel Carlos, com colaboração de Angela Chaves, Juliana Peres, Maria Carolina, Mariana Torres e Marcelo Saback. Foi exibida no horário das 21h entre 03 de fevereiro de 2014 a 18 de julho de 2014, com a direção de Adriano Melo, João Boltshauser, Luciano Sabino e Teresa Lampreia, a direção-geral de Jayme Monjardim e Leonardo Nogueira, e a direção de núcleo por Jayme Monjardim. A narrativa da novela divide-se em três fases, indo dos anos 1980 até 2014 e a trama trata do amor conflituoso entre Laerte, interpretado por três atores (Eike Duarte, Guilherme Leicam e Gabriel Braga Nunes) e Helena, interpretada por três atrizes (Julia Dalavia, Bruna Marquezine e Julia Lemmertz). Irmã mais nova de Helena, a personagem analisada é Clara Fernandes Meirelles, interpretada por Giovanna Antonelli.

Jovem dona de casa, ela é casada com Cadu (Reynaldo Gianecchini), formando uma família com o filho Ivan (Vitor Figueiredo). O conflito de Clara começa quando ela conhece a fotógrafa Marina, interpretada por Tainá Müller. Marina se interessa por Clara de imediato, e Clara não demora a confirmar que a atração é recíproca. Enquanto a relação das duas se desenvolve, Cadu, ainda seu marido, adoece e passa por um

transplante, aumentando o drama de Clara. Apaixonada por duas pessoas, a personagem se vê pressionada a escolher somente um amor ao mesmo tempo em que tenta entender sua sexualidade.

Clara tem sua trajetória ligada sobretudo à descoberta de sua sexualidade. Cadu e Marina representam uma dualidade para Clara, por pressão externa e internalizada, visto que seu desejo é estar com os dois — o que pode colocá-la como mulher bissexual e também não-monogâmica.

Em determinado momento da trama, Clara, como dona da própria narrativa, fala sobre sua sexualidade em uma conversa com sua mãe Chica, interpretada por Natália do Vale. Ao refletir sobre a situação da filha, sua mãe pergunta-lhe diretamente se é bissexual, ao que Clara responde “Acho que sim”. Chica fica confusa e ambas falam uma em cima da outra sobre o que estão tentando entender — o que significa a relação de Clara com Marina.

O conflito da personagem é colocado majoritariamente em sua perspectiva — ainda que se tenha a visão de Cadu e também de Marina, a descoberta de Clara é julgada por pessoas próximas, principalmente pelo seu marido, mas não é vilanizada como Eron. Cabe destacar aqui que em *Amor à Vida*, o ponto de vista é apresentado, majoritariamente sob a perspectiva de Niko, fiel e traído. A relação de Clara e Marina é construída ao longo dos capítulos com bastante romance, afeto e leveza. Também percebe-se a atração sexual recíproca e intensa, ainda que seus carinhos físicos se resumem a abraços e toques leves, com beijos discretos deixados para cenas importantes, como o seu casamento no final da telenovela — com direito ao apoio de toda a família, incluindo seu filho com Cadu e o próprio, como padrinho juntamente com sua nova companheira, Verônica (Helena Ranaldi).

Eron e Clara são representações contrastantes, mas com elementos em comum: ao final, ela se casa com uma mulher e ele encontra um homem, como se não pudessem ficar sozinhos ou não pudessem ficar com seus parceiros heterossexuais na trama por serem personagens com representação LGBT e como se a bissexualidade sempre se rendesse a uma homossexualidade monogâmica ao final de tudo.

Clara, contudo, fala por si, considera ser bissexual e declara isso. Há, inclusive, uma tentativa de representação da não-monogamia, visto que a personagem amou duas pessoas ao mesmo tempo. Eron, por sua vez, foi vilanizado e punido ao não ter mais Niko como marido, terminando com o vilão redimido Felix.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, acredita-se no potencial desta pesquisa em dar alguma visibilidade à comunidade bissexual, visto que a orientação é invisibilizada por um apagamento estrutural na sociedade que se reflete na cultura midiática. Quando aparece, vem com representação falha e incoerente do que se apresenta acerca na comunidade bissexual e em seus estudos mais atuais.

Forte produto na cultura midiática nacional, a televisão ainda se mantém protagonista em muitos lares brasileiros mesmo em disputa com as novas mídias. Amor à Vida, por exemplo, alcançou 48 pontos de audiência no Ibope, de acordo com dados do Observatório da Televisão (2014). Sendo assim, uma representação cuidadosa de minorias políticas e sociais é relevante em sua possibilidade transformadora.

A televisão é formadora de opinião, presente não só em seu telejornalismo mas também em sua teledramaturgia. A má representação, por sua vez, é risco direto à imagem da população representada, visto que ela se encobre mais e mais de estereotipização, e afasta o público das narrativas daquela minoria, como a população bissexual. Boa demonstração disso se dá na personagem de Amor à Vida, Eron, visto como mau-caráter, influenciável e indeciso, como alguém que quis ser heterossexual mas que era gay, e levantou debates e declarações acerca de sua sexualidade, incluindo uma do próprio ator, demonstrando sua própria falta de conhecimento e de respeito pelo tema que representava em seu trabalho, ilustrada pelo site (TV FOCO, 2014):

Marcello Antony provocou polêmica nas redes sociais, principalmente em grupos de discussão LGBTs, ao negar a existência da bissexualidade. Tudo porque o ator declarou que “todo bissexual, no fundo, é homossexual” em entrevista ao programa de rádio na internet Lado Bi. Bissexuais se manifestaram contra a declaração do intérprete do bissexual Eron na novela “Amor à Vida”.

A construção de Eron como homem fiel que encontra um dilema sobre sua orientação sexual, mas que trata Niko, Amarilys e a si mesmo com respeito, poderia existir se o estigma da bissexualidade não fosse traço que a colocasse como uma trama instigante, como uma prática desonesta, mas ao mesmo tempo exótica. Clara, por sua vez, recebe a bissexualidade como trama também instigante e exótica, mas a forma da câmera e do texto não a colocam em um lugar de vilania ou falta de personalidade, ainda que jovem e mesmo que vista de tal maneira por outras pessoas.

A distorção e estereotipização contribuem para o apagamento bissexual — paradoxalmente não se quer ver mais daquilo que já está sendo visto, por causar repulsa — e contribuem, também e sobretudo, para a violência. A opressão sofrida por bissexuais, a bifobia, se dá na invisibilidade e na visibilidade nociva, com representações falhas que endossam a associação da bissexualidade com sexo exagerado e desprotegido, falta de caráter, traição, indecisão e todos os estereótipos que fazem da população bissexual uma das que mais sofrem mentalmente⁴, além das violências de outros tipos. O imaginário criado em torno dessa população, com pouca visibilidade ou visibilidade torta, contribui diretamente para a perpetuação dessa opressão.

REFERÊNCIAS

AMERICAN INSTITUTE OF BISEXUALITY. **About Fritz Klein**. Disponível em:
<<http://www.americaninstituteofbisexuality.org/fritz-klein/>>. Acesso em: 10 maio 2017.

BACCEGA, Maria Aparecida; OROFINO, Maria Isabel; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Consumindo e vivendo a vida**: telenovela, consumo e seus discursos. São Paulo: Ed. Intermeios, 2013.

FOCO TV. **Declaração de intérprete de Eron em “Amor à Vida” revolta bissexuais**. Disponível em:
<<http://www.otvfoco.com.br/declaracao-de-interprete-de-eron-em-amor-a-vida-revolta-bissexuais-entenda/>> Acesso em: 05 maio 2017.

⁴ “(...) do total de 21 não héteros que responderam ter tentado se matar, 9 (42,9%) são bissexuais, 2 (9,5%) são gays e 10 (47,6%) são “outras” — Projeto de pesquisa aprovado em Edital lançado em 2007 financiado e apoiado pelo Programa Nacional de DST-HIV/ Aids (Ministério da Saúde do Brasil) em parceria com a UNODC (Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crimes) e a Secretaria Especial dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça do Brasil, desenvolvido em regime de parceria pelas seguintes instituições: ONG NEPS (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre as Sexualidades), na qualidade de mantenedora, pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre as Sexualidades (GEPS) vinculado ao Departamento de Psicologia Clínica da UNESP de Assis. (2012, p. 9).

FREDRIKSEN-GOLDSSEN, Karen; KIM, Hyun-Jun; BARKAN, Susan E.; BALSAM, Kimberly F.; MINCER, Shawn L. **Disparities in Health-Related Quality of Life: a Comparison of Lesbians and Bisexual Women.** Disponível em:
<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2951966/>> Acesso em: 05 abril 2018.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** Brasília, 2012

LEWIS, Elizabeth Sara. **Eu quero meu direito como bissexual: A marginalização discursiva da diversidade sexual dentro do movimento LGBT e propostas para fomentar a sua aceitação.** Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012.

LEWIS, Elizabeth Sara. **Não é uma fase: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais.** Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012.

MEMÓRIA Globo. **Em Família - A ciranda de Clara.** Disponível em:
<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/em-familia/em-familia-a-ciranda-de-clara.htm>> Acesso em: 10 maio 2017.

MEMÓRIA Globo. **Niko, Eron, Amarilys e o golpe da barriga solidária.** Disponível em:
<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/amor-a-vida/amor-a-vida-niko-eron-amarilys-e-o-golpe-da-barriga-solidaria.htm>> Acesso em: 10 maio 2017.

SERANO, Julia. **Bisexuality and Binaries Revisited.** 2012. Disponível em:
<<http://juliaserano.blogspot.com.br/2012/11/bisexuality-and-binaries-revisited.html>> . Acesso em: 05 abril 2018.

SILVA, Fernanda Nascimento da. **Bicha (nem tão) má: LGBTs em telenovelas.** Rio Grande do Sul. Luminária Academia, 2015.

TÁVOLA, Artur da. **Telenovela brasileira: história, análise e conteúdo -** Porto Alegre: Editora Globo, 1996.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade.** Salvador: UFBA, 2015.

YOSHINO, K. **Epistemic contract of bisexual erasure.** Stanford: Stanford Law School, 2000.